O CARNAVAL DE FLORIANÓPOLIS

um breve histórico

HAILTON PACHECO DUARTE
O CARNAVAL DE FLORIANÓPOLIS

uma breve histórico

"Nem a história nem ela mesma existe. Cada
relato acontece uma vez, apenas. Quando se-
tá acontecendo, é a verdade integral que
tem e se mantém. Uma demência, como di-
ria Mestre Alceu, são suas veredas que se
tornam em muitas verdades (ou mentiras).

Autor: Hailton Pacheco Duarte
Orientador: Aglair Maria Bernardo
Carmen Rial
Francisco José Castilhos Karam

Florianópolis, março de 1985.
"Jamais haverá uma só verdade. Cada fato acontece uma vez, apenas. Quando está acontecendo, é a verdade integral no tempo e no presente. Mas depois, como diria Mestre Alkmin, são suas versões que se tornam em muitas verdades (ou mentiras). Cada participante, cada espectador, cada intérprete, possui a sua verdade própria, quase sempre honesta e real para o detentor, mas nem por isso verdade inteira. Essa existia, mas já passou. E nem mesmo a soma de todas as verdades individuais resultaria novamente na verdade prima da fato."

CARLOS CHAGAS
De todas as festas populares do Brasil, o Carnaval tornou-se, sem dúvida alguma, a mais tradicional e comentada, não só a nível nacional como também internacional. Tanto é que, nos dias que antecedem esta festa, aumenta consideravelmente o fluxo de turistas em direção às cidades que fazem do Carnaval um verdadeiro espetáculo.

É o Rio de Janeiro, berço do samba e das Escolas de Samba, é a Capital do Carnaval. O Nordeste também figura entre os locais mais procurados, especialmente Recife, Salvador e Olinda, onde os Trio Elétricos fazem a alegria dos foliões.

No Sul temos, também, um Carnaval muito especial, e Florianópolis é a sede desta festa que apresenta, entre outras coisas, os maravilhosos carros de alegorias e mutação, únicos em todo o país.

Mas, Carnaval não é só Escola de Samba, Trio Elétrico ou Carros de Mutação. É muito mais. É alegria, é diversão. É espontaneidade, é animação. E isso tudo é o que se encontra nas ruas de Florianópolis, nos tradicionais blocos de sujos com seus foliões vestidos de mulher.
Em Florianópolis, a tradição de brincar o Carnaval teve suas origens nas primeiras décadas do século passado. Porém, no início, não era Carnaval, era Entrudo. Não era propriamente uma brincadeira, era uma guerra. O alvo: quem estivesse nas ruas, portas e janelas. A arma: os limões-de-cheiro — limões feitos de cera, ocos, contendo água, perfume, talco ou tinta. "Era divertido, havia corrérias, risadas, improvisos de trincheiras, entradas precipitadas pelas portas — muita alegria. As moças ficavam por detrás das janelas, à espera de um janota qualquer, de um cavalheiro de sobrecasaca — quanto mais solene mais engraçado! — e, ao passarem por elas, recebiam a sarraivada dos limões", descreve o professor Oswaldo Rodrigues Cabral, historiador catarinense dos fatos sérios e outros nem tanto, no seu livro Nossa Senhora do Deserterro: Memória.

Muito divertido, porém um tanto violento e, às vezes, abusivo — alguns limões traziam líquidos coloridos ou corrosivos, que estragavam a roupa; urina e outras porcarias — por isto começaram a aparecer os adversários ao entrudo. Já em 1833 surge a primeira proibição à venda pública de limões-de-cheiro, no entanto, em 1856 um Edital da Câmara permite, "às pessoas decentes", "o antigo uso do divertimento do entrudo nos três dias do costume, empregando, para isto, os nomeados limões-de-cheiro". Isto facilitava não só a brincadeira mas também o comércio: era comum nos jornais dessa época anúncios de venda de cera, em pedaços de tochas, para fazer os limões.

Embora muito popular, as oposições ao entrudo continuam surgindo. Os jornais refletem esta reação: em 1858, 'O Argos' dizia que "já era tempo de acabar com este uso bárbaro, e prejudicialíssimo, não só à saúde do corpo, mas também ao decoro e à honestidade das famílias". E, em junho de 1869, a Assembleia Provincial aprova uma resolução, reforçando a proibição de 1833, estipulando uma multa aos infratores. Tornava-se mais difícil conseguir os limões-de-cheiro e, sem eles, entrudar era impossível.

Para substituí-los, entra em cena outro artefato engenhoso, as seringas feitas de lata e acionadas por um pistão. "Era encher num balde
e exprimir o líquido que esguichava por uma ponta, longe e certeiro", explica o professor Cabral. Trata-se aqui do antecessor do lança-perfume, porém, sem os efeitos encantados do éter.

Se não era possível cobrir a festa, o jeito foi organizá-la. Para isto surgem, no final da década de 50, as primeiras sociedades, como a 'Carnaval Desterrense' e a 'União Carnavalesca', reunindo "gente da alta roda" da cidade. Como forma de abolir o entrudo, estas sociedades organizavam desfiles pelas ruas centrais da cidade, promovidos com a devida autorização policial e acompanhadas por uma banda de música. A população era convidada a assistir tais desfiles, todavia alguns espectadores em além, como se pode depreender do seguinte pedido, publicado n'O Argos' do dia 13 de fevereiro de 1898: "Sociedade Carnavalesca - As pessoas que componem esta sociedade, desejando divertirem-se nos dias 14 e 16 do corrente, percorrendo as principais ruas desta cidade, rogam ao respeitável público queira ter a bondade de não lançarem água sobre eles. Depois das passeatas, realizadas à tarde, havia os bailes, nas sadas dessas sociedades, que se prolongavam até as primeiras horas da madrugada.

Mas o entrudo não se dá por vencido e re surge quando menos se espera. Um exemplo disto: em 1877 um grupo de pessoas se fantasiou de soldado de artilharia e levou às ruas, montado numa carreta, uma grande seringa, parecida com um canhão verdadeiro. Depois de evoluções, fazem do manobras de estilo e atravessando muitos apreciadores, o comandante dava a voz de "Fogo!" e o que vinha era água, surpreendendo, pelo menos da primeira vez, os que estavam por perto. Como definiu o jornal 'O Conservador', "era o carnaval e o entrudo de mãos dadas a satisfazer os apaixonados de ambos".

Junto com as Sociedades Carnavalescas, e por influência delas, começaram a aparecer no carnaval desterrense as fantasias, que logo adquiriram o caráter de diferenciador das posições sociais. A gente fina dessas sociedades vestia-se de Conde, Príncipe, Duque. Suas fantasias eram de seda, de veludo e outros tecidos pesados e caros, enfeitados com lantejoulas, vidrinhos e outros adornos. Os pobres saiam de 'sujo', isto é, arrumavam uma roupa velha qualquer, vestiham-na pelo avesso, pin
tevam a cara ou arranjavam uma velha máscara, em geral pavorosa. Porém, a fantasia mais popular, por ser mais barata, consistia numa simples batina preta enfeitada, conhecida por 'dominó'.

O carnaval, no entanto, nem sempre foi animado. Especialmente depois de proibido o entrudo a festa perdeu muito de seu movimento nas ruas. Até mesmo São Pedro parece não ter concordado com a proibição, "e vai ver que foi desde este tempo, para compensar a falta do entrudo, que deu em chover todo o carnaval, aqui no Desterro...", comenta o professor Cabral.

DOS CARROS AO BLOCOS

Marcado por esta falta de animação, o início deste século viu surgir nas ruas da Praça XV de Novembro - palco central dos festejos carnavalenses de rua - a arte e a beleza dos carros de mutação, "verdadeiras obras-primas de Engenharia Cabocla Catarinense", na opinião de Franklin Cascaes, nosso mais conhecido folcorista.

Nos clubes continuavam os bailes, as máscaras e as fantasias; nas ruas, alguns 'sujos', batalhas de confeti e lança-perfume - resquícios do entrudo - e agora também os "brilhantes préstimos, com bandas de música e de clarins, guada de honra e carros de mutação, de movimento, alegrícos e críticos", como publicou o jornal 'O Imparcial' de março de 1916.

Segundo ainda o mesmo jornal, numa edição de fevereiro, o carnaval daquele ano contou com uma presença muito importante, "Monsieur Momo", que veio do Rio de Janeiro para "fazer a autópsia na Sociedade Carnavalesca Filhos de Plutão e animar, com sua presença, a Sociedade Carnavalesca Tenentes do Diabo". É este, ao que parece, o registro da presença pela primeira vez do Rei do Carnaval nos festejos aqui da Ilha.

Nos anos 20 a animação volta às ruas. Aparecem os automóveis e, com eles, os famosos corsos onde..."inúmeros desses carros e autos apresentavam-se garridamente ornamentados e repletos de fantasias. Os autos e carros, sobre os quais caíam verdadeiras chuvas de confeti, passavam presos uns aos outros por fitas de serpentina em número impossí-
vel de caucular", noticia 'O Estado' numa edição de fevereiro de 1923.

Mas, automóvel é para quem pode, não para quem quer! Assim, na dé cada de 30 já não se vê mais tantos, ou nenhum, carro nas ruas, embora continue a alegria. Agora o que se vê são os Blocos Carnavalescos, co mo os 'Filhos da Lua', 'Bororós', 'Tira a Mão', 'A Marinha Vem Aí', 'Mo cotó Vem Abaixo', 'Brinca Quem Pode', 'Quem Fala de Nós Tem Paixão', en tre outros, que saem às ruas brincando e divertindo durante o reinado de Momo.

Em 1936 o carnaval de Florianópolis registra novamente a presença de Sua Majestade, "que procede de Tóquio", e da "Grande e Augusta Rainha Moma I - a Retumbante e Bombástica", nas palavras do jornal 'A Capi tal'. Este parece ter sido um carnaval especialmente animado, como se pode observar no artigo do jornal 'O Estado', publicado em 1949, com o título 'Aei Momo Faz Sua Queixa': "Para se falar do declínio de Momo, em Florianópolis, desnecessário ir muito longe. Aos anos idos. À idade da vovó. Nada disso (...) Falemos de um carnaval mais recente. De 1936, por exemplo. Áquele ano, com aparato, recepcionamos triunfalmen te o Rei Momo, entre serpentinas, confetes, lança-perfumes, mascarados e uma população em frenesi".

Essa animação não dura muito. De anos 40 encontram as ruas pouco movimentadas: um ou outro bloco faz o seu desfile e, nove ou dez horas, não se vê mais movimento algum, exceto nos clubes. Contribuindo com esta crise por que passa o carnaval de rua da capital, a Secretaria de Segurança Pública do Estado baixa, em 1948, normas restringindo e controlando os festejos. Entre elas, proibia o uso de máscaras ou qual quer outro disfarce nas ruas; a saída de grupos "constituidos de indivíduos maltrapilhos, à guisa de blocos e cordões carnavalecos, empunhando objetos incovenientes, agressivos ou que ofendam a moralidade pú blica"; determinava ainda que blocos, cordões ou qualquer outro agrupa mento carnavaleco só poderiam desfilar mediante licença da Delegacia de Ordem Política e Social.
Apesar dessas dificuldades, sai às ruas nesse ano o primeiro grupo, aqui de Florianópolis, denominado 'Escola de Samba', organizado por João Sebastião da Silva (Dião) e Narciso Lima. O grupo não dispunha de ala feminina e trazia como porta-estandarte o conhecido compositor Zinho. No ano seguinte a Escola se apresenta estupendo, segundo o jornal 'O Estado', "todos de bibis vermelho e branco, camisetas vermelho e brancas, calça branca, animadinhos que era uma loucura...". Assim como apareceu, a 'Escola de Samba do Dião' sumiu, repentinamente.

Ainda em 48, por determinação do Ministério da Marinha é fundado em Florianópolis o 5º Distrito Naval e, com ele, vieram para cá vários marinheiros cariocas e do norte do país. Instalando-se nos Canudinhos, hoje rua Major Costa, estes marinheiros, carnavalescos experientes, fizeram daquela região reduto de samba.

Na tentativa de avivar nosso carnaval, um grupo desses marinheiros, junto com alguns membros do bloco 'Brinca quem Pode', criaram a segunda escola de samba da Ilha de Santa Catarina, a 'Protegidos da Princesa'. Os responsáveis foram: Boaventura Libânio da Silva, Íbio Rosa, Sílvio Serafim de Luz, Benjamin João Pereira e Almir Garigo.

Formada exclusivamente por rapazes, a escola saiu durante três anos e depois parou. Em 1966 voltava às ruas, agora com a presença da ala feminina. "Na época não era muito aceito pelas famílias sair mocinhas na escola de samba", lembra Nadir de Oliveira (O. Didi), "a gente tinha que ir lá, prometer, ficar responsável pela moça... A gente traba lhava muito".

Durante este período começa a aparecer nas ruas um número cada vez maior de 'sujos' vestindo um novo tipo de fantasia: a de mulher. Já em 1969 o 'Correio do Povo' publicava que "a nota mais alegre de toda a festa foi o aparecimento do conhecido e popular Ângelo fantasiado de mulher, porém sem máscara". Agora, no entanto, já não se trata de um ou outro folião isolado. Em 1950 'O Estado' dizia: "inegavelmente o (bloco) 'Mofas' quando apareceu, deu mais vida ao carnaval da cidade (...) Nunca mais vimos suas alegres 'senhoritas' e amantíssimas 'ma-
mães"..."; e em 1959 "a tendência à feminilização foi um fato observado na cidade, pois na sua grande maioria predominou a roupagem os sexo frágil, enquanto a turma cantava o famoso 'vei ver que é...".".

Ainda em 55, como os preparativos para o carnaval estavam muito parados, quatro amigos se uniram para formar outra escola. A ideia surgiu no bar do 'Segundo' (hoje bar do 'Taso') na rua Major Costa, entre uma pinça e outra, ao ritmo de uma caixa de fósforos. Foi daí que nasceu a 'Escola de Samba Embaixada Copa Lord', nome inspirado numa gíria da época que significava 'jogada alta', tendo como fundadores Avevu (Abelardo Blumemberg), Quirido, "o melhor cuiqueiro do mundo", Jarginho (Jorge Silva) e 'Nego' Ló. "Naquele tempo o instrumento era fabricado pelo próprio sambista; o tamborim era malacaxeta, um quadrininho de madeira, couro de gato ou cabrito; o surdo era uma barrica; a cuica era a mesma coisa, uma barriquinha; reco-reco era bambu cortadinho", lembra Avevu.

Três anos depois alguns sambistas deixaram a Copa Lord para fundar, no Estrito, a 'Escola de Samba Filhos do Continente', que só começou a participar do carnaval em 1959, um ano depois de sua formação. Participaram do início desta escola, Zacarias Izidoro Adão, Hormido Marques Faijó, Haroldo Quintanilha de Andrade e Jesuína Adelaide dos Santos (Beinha). Por essa época surge, também, a 'Orchestrina Philarmônica Desterreense, onde nenhum de seus elementos podia tocar de verdade, mesmo sendo músico.

... E OS TURISTAS DESCOBREM A ILHA

Segundo 'O Estado', em 1959 "os hotéis foram insuficientes para a hospedagem dos turistas, tendo a Maternidade 'Carmela Dutra', casas particulares e outros setores colaborado grandemente para os que vieram de longe assistir o carnaval mais original do Brasil". Em 67 a 'Imprensa Nova' registra a presença de "turistas dos países da bacia do prata, no tradicionalmente argentinos e uruguaios" que vêm aqui "atraídos pelo tão discutido e falado carnaval florianopolitano".

Carnaval, no entanto, não se faz só nas ruas. É nos salões, aliás,
que ela se dá de forma mais recatada e mais selecionada: afinal, só entra quem paga. Nos clubes, famílias inteiras brincam despreocupadamente, longe dos inconvenientes de uma rua aberta a tudo e a todos, ainda que altamente policiada. Unindo tudo isto a um outro aspecto, o requinte, em 1962 realiza-se no Lira Tennis Clube o Iº Baile Municipal de Gala com seu concurso de fantasias, idealizado pelo jornalista Lázaro Bartolomeu. A ideia foi um sucesso e, mais que isso, o Baile tornou-se uma tradição do Carnaval Ilhéu.

Uma das atrações desses bailes, tanto nos salões como nos clubes, era a inebriante fragrância dos lança-perfumes, muito utilizados por esta época, que dava um certo "clima" à festa. Aquele cheiro no ar, ou mesmo aquela cegueira momentânea, quando o perfume era lançado nos rostos, tudo não passava de ingênuas brincadeiras, sem maiores consequências. Porém, nem todos tinham a mesma opinião e, em 1962, o uso do lança-perfume era proibido nos bailes infantis. Já no ano seguinte a proibição se estende a todos os "recintos de diversões, sejam públicos ou coletivos". Isto abalou sensivelmente o brilhantismo dos bailes carnaval-desencantos que se tornaram mais desanimados.

Desânimo, também, é o que se via nas ruas, especialmente na noite de sábado de carnaval quando praticamente não havia movimento algum, contrastando com o domingo e a segunda feira quando eram apresentados, respectivamente, os desfiles das Grandes Sociedades com seus carros aleatórios e de mutação e das Escolas de Samba. Ciente disto, a comissão organizadora do carnaval de 69 resolveu preencher este vazio com apresentações de grupos de danças tradicionais do nosso folclore, como o toide-mamão e o pau-de-fita. A ideia, no entanto, não pegou!

UMA DÉCADA DE MUDANÇAS

Chega a década de 70 e com ela novas mudanças no carnaval ilhéu. A primeira delas foi a transferência dos desfiles de rua para a Avenida Mauro Ramos. Embora a mudança tenha agradado a grande maioria dos foliões, tendo em vista a amplitude do local, a iluminação deficiente e a falta de arquibancadas desagrado os apreciadores. Como resultado, no
ano seguinte o carnaval volta às ruas da Praça XV e, para melhor comodidade do público, são montados cinco lances de arquibancadas no jardim da Praça.

1971 contou com outras novidades. A Diretura (Diretoria de Turismo e Comunicação, da Prefeitura), responsável pela organização da festa, promoveu, nos quatro noites de carnaval, um baile público realizado num tablado montado, também, na Praça XV. Apesar das constantes chuvas que caíram, os bailes foram sucesso absoluto, começando às 22 horas e se prolongando até as 5 horas, tendo na última noite terminado por volta de 7 horas da manhã.

Outro inegável sucesso nesse carnaval foi a cobertura feita pela TV Cultura, canal 6, ainda em seu primeiro ano de funcionamento. Com uma câmera instalada num palanque em frente à Catedral, "levou aos lares de toda a área coberta pela sua imagem a movimentação das ruas e dos salões da cidade num trabalho realmente elogiável", publica 'O Estado', realizando, assim, a primeira cobertura televisiva do carnaval florianopolitano.

Nesse ano, também, realizou-se o Primeiro Festival de Músicas de Carnaval de Florianópolis, promovido pela Diretura, jornal O Estado, A.S. Propague, TV Cultura, Lira Tennis Clube e Rádio Guarujá. O festival, que contou com 196 canções inscritas, das quais 5 foram premiadas, superou as expectativas, lotando o teatro Álvaro de Carvalho durante cinco noites consecutivas. Houve ainda um 2º Festival, em 1974, e um 3º, este último em 76, ambos confirmando o sucesso do primeiro.

Por esta época, é cada vez maior o número de 'sujos' a circularem pelas ruas, donzelas e senhoras de barba ou bigode, grávidas de cabelo no peito, bailarinas de pernas cabeludas, ao mesmo tempo em que desaparecem, quase que completamente, os tradicionais Blocos Carnavalescos.

**O SAMBA NO ASFALTO**

Em 1976 a passarella do semba aumenta de tamanho: as Escolas de Samba e Grandes Sociedades ganham o asfalto da Avenida Paulo Fontes. Para os dirigentes das escolas, este carnaval no asfalto foi excelente já...
que, normalmente, as figuras de destaque usam sapatos de salto alto, o que dificulta as evoluções no paralelepípedo. Uma outra novidade, foi a instalação de um sistema de som que possibilitou ao público ouvir mais claramente os sambas-enredo.

A partir desse ano, também, a coordenação do carnaval incentiva o retorno dos Blocos Carnavalescos à passarela, organizando um concurso e premiando o bloco mais numeroso, a melhor fantasia e a mais original. Este concurso atinge seu auge nos primeiros anos da década de 80, quando chegam a participar mais de dez blocos, alguns deles organizados pelas Associações de Funcionários de empresas como CELESC, TELESC e Fundação Hospitalar.

Mas, são as Escolas de Samba o ponto alto do carnaval. E Florianópolis possui grandes escolas, como a 'Protegidos da Princesa', 22 vezes campeã, a 'Sambaixeda Copa Lord', com dez títulos, e a revelação dos últimos carnavais, a 'Unidos da Coloninha', bi-campeã em 1985. Esta escola possui uma história bastante interessante: fundada em 1962, a escola, formada só por crianças, desfilou 'hors concours' por quatro anos e depois parou. Ressurgiu em 1983 e no ano seguinte conquista seu primeiro campeonato e, em 85, divide o primeiro lugar com a 'Protegidos'.

O "antigo uso do divertimento do entrudo", em meados do século passado, passamos pelos corsos das sociedades até chegarmos às escolas de samba, no final da década de 40 deste século. Das bandas de música, às baterias das escolas de samba até a 'Orchestra Philarmônica', no início da década de 60. As fantasias de dominó e palhaço, às de pierró, arlequim e colombina até as mais variadas e ousadas de hoje.

Os 'BLOCOS DE SUJOS'

Enquanto na Avenida Paulo Fontes se realizam os desfiles oficiais dos Blocos Carnavalescos, Escolas de Samba e Grandes Sociedades, um pouco mais acima, na Praça XV de Novembro e Rua Felipa Schäfli, ocorre a parte mais animada do nosso carnaval. São os já tradicionais 'blocos de sujos' que, aproveitando o reinado de Momo - reinado da alegria e loucura, pois nele quase tudo é permitido - se divertem e divertem
àqueles que por ali passam.

E, ao contrário do desfile oficial, esta brincadeira começa cedo. Já na noite de sexta-feira se encontra um ou outro grupo pelas ruas fazendo sua batucada - pois é, realmente, isto que eles fazem - vestidos com aquela fantasia que virou moda no carnaval aqui de Ilha: a de mulher. Mas, neste dia, o pessoal só está fazendo o aquecimento, o reconhecimento do terreiro. O forte, o bom mesmo, serão os quatro dias seguintes.

No sábado, já é carnaval! E aí, ninguém segura mais ninguém. Sozinho ou em grupos, eles - ou serão elas? - vão chegando e, aos poucos, tomando conta do Centro, vindos(as) dos mais diversos pontos da cidade. E se vê de tudo: jovens e velhos(as), baixos(as) e altos(as), magros(as) e gordinhos(as). Todos(as) unidos(as), brincando juntos(as), numa alegria que não tem hora para acabar.

E... COMO SURGE UM FOLIÃO?

Para isso são necessários, além de gostar do carnaval, duas outras coisas fundamentais: a roupa - um vestido, uma saia ou outra fantasia qualquer, desde que seja evidentemente feminina ou, pelo menos, duvidosa - e o batom. É claro que alguns acessórios sempre ajudam: um salto alto ou uma sapatinha, uma bolsa, brincos, colares e pulseiras, meias finas, parucas e, na grande maioria, um suéter. Tudo arranjado, é só colocar em seus devidos lugares sobre o corpo, assumir seu papel e sair pelas ruas, dançando, cantando e/ou procurando um parceiro.

No entanto, é bom não confundir. Elas são, na grande maioria, homens, apenas travestidos para brincarem o carnaval. Por isto, barbas e bigodes, peito e pernas cabeludas são deixados à mostra ou, ainda, ressaltados com purpurina.

Segundo Wilson Baabaïd, considerado pela imprensa local o 'sujo' nº 1, estes blocos começaram a aparecer por aqui em 1954, quando ele e um grupo de amigos que participavam do bloco 'Aí vem a Marinha' resolveram sair "mais à vontade". "Fomos até a loja do meu pai e desencavamos,
nos seus baús, vestimentas antigas de mulheres, chapéus, espartilhos e coisas assim. Daí começamos a sair de 'sujos', sempre com muito sucesso", conta Boabaid. Eles, porém, não foram os primeiros a usar este tipo de fantasia. Numa edição de março de 1905, o jornal 'Correio do Po-vo' publicava que a nota mais alegre do carnaval daquele ano "foi o apa- recimento do conhecido e popular Ângelo fantasiado de mulher".

Nos últimos anos tem aumentado consideravelmente o número de parti- cipantes nesta manifestação do nosso carnaval, cujas principais caracte- rísticas são a espontaneidade e a animação. Até mesmo nosso Rei Momo Lagartixa não deixa de participar dos blocos de "sujo" — como ele, carinhosamente, os chama — onde começou sua carreira de folião, há qua- se cinquenta anos. Para ele, o que de fato sustenta o carnaval são os 'blocos de sujos' e, sem eles, a festa acaba.

MAS, O QUE LEVA OS HOMENS A SE VESTIREM DE MULHER E SAÍREM ÀS RUAS, DURANTE O CARNAVAL?

Em primeiro lugar, a descontração, a oportunidade que eles têm de extravasar toda a alegria da forma mais espontânea, sem preocupar-se com as convenções a que vivem presos durante os outros 361 dias do ano.

Por outro lado, a já tão citada "liberação de sua feminilidade" com que muitos foliões se justificam, não parece ser a explicação mais apropriada para o que se tem visto, pelo menos nos últimos anos, em ter- mos de blocos de sujos. Embora exista, esta liberação não é, na grande maioria, o objetivo inicial do vestir-se de mulher. Ao contrário, o que se observa é que ela ocorre, de forma natural e muitas vezes desper- cibida, apenas na alguns momentos da festa e, geralmente, quando o folião encontra algum conhecido fora dela. São gestos rápidos, graciosos e, sobretudo, discretos, como por exemplo jogar um beijo com a mão e aces-

Um outro aspecto a salientar é uma tendência, observada principal- mente nos últimos carnavais, a uma "inspiração", por parte dos foliões, mais voltada para o homossexual do que para a mulher. Isto fica claro nos seus gestos, nas brincadeiras e até na abordagem que fazem aos es-
pectadores desse carnaval. Por exemplo, quando um ou outro folião trave-
vestido cruzava com uma mulher e chamava-a de "SPFE!", assumindo uma
posição de rivalidade, ou ainda quando convidavam os homens dizendo:
"larga dala e vem comigo!".

Percorso-se, assim, uma contradição no seu discurso (liberação de
sua feminilidade) e nos seus atos (inspirados nos homossexuais). Esta-
ria, então, o Carnaval se transformando, pelo menos nos últimos anos,
um momento de liberação, não da feminilidade do homem, mas de sua ho-
mossexualidade?

É claro que, nessas observações, não estão incluídos os homosse-
xuais. Para estes, o Carnaval é mais que uma festa, é a oportunidade
de saírem às ruas como quiserem, sem serem discriminados. É eles apro-
veitam para se exibirem, com fantasias cheias de brilhos, bem maquiados,
enfim, produzidos nos mínimos detalhes, preocupados em se mostrarem boni-
tos e atraentes.

E, COMO SE ORGANIZAM OS 'SUJOS'?

Uma característica deste carnaval é a improvisação, desde a forma-
ção dos blocos até o desfile, sendo tudo organizado de última hora. Os
próprios foliões realizam o seu carnaval desde o início até o fim. Ge-
ralmente, eles se reúnem no sábado, pela manhã, na casa de alguém e, a-
li, começam os preparativos para o desfile, tudo regado a muita bebida
e alguma batucada. É o que acontece, por exemplo, com o bloco 'Vai tê
que dá' que, antes de realizar o seu desfile, faz um concurso para es-
colher a sua "rainha".

Para o psiquiatra Mário Teixeira, do bloco 'Vai tê que dá', o car-
naval tem o sentido de aglutinar amigos e, esta sensação de conjunto,
facilita o rompimento com o cotidiano, facilita o fantasiar-se de mu-
lher e sair para a rua. Foi com este espírito, de conjuntê, que em
1981 apareceu nas ruas um dos mais aguardados blocos de sujos do carna-
val florianopolitano, o 'Lic Gay'.

Reunindo publicitários, políticos e empresários, este bloco apre-
SENTA uma organização mais definida, com reuniões antecipadas, cadastro
dos participantes, maquiadores e bateristas contratados. Seu desfile assemblhe-se nalguns pontos aos das escolas de samba, como a existência de um samba-enredo, de carros alegóricos - o pipi-móvel e o trator das bebidas - e, neste último carnaval, uma ela - o 'Senatório Geral', uma crítica política. Aliás, a principal característica do 'Lic Gay' é este seu teor crítico. Seus sambas-enredo abordam, sempre de maneira humorística, temas políticos: em 1984 sai às ruas com o tema "Ergões Diretas", em 85, com "A penca do traseiro liberal". Uma campanha publicitária, através de out-doors distribuídos pela cidade, anúncios em jornal, rádio e televisão, transforma seu desfile num verdadeiro acontecimento social.

Existem, ainda, os pequenos grupos, formados por três ou quatro amigos que saem juntos para brincar o carnaval, em que não há organização alguma, cada um se arruma em sua própria casa e só se encontram na rua. Além destes, é comum encontrar, também, muitos foliões isolados.

De fato, desde o seu início, ainda nos tempos do entrido, os 'blocos de sujos' têm sido a forma mais representativa do carnaval de Florianópolis, tanto por sua animação quanto por sua espontaneidade. Com o passar dos anos, no entanto, não só os menos favorecidos, mas "muita gente fina" tem organizado seus blocos e caído no samba durante os quatro dias de carnaval. E, mantendo uma tradição de mais de 150 anos, a Praça XV de Novembro e a Rua Felipe Schmidt são o ponto de encontro desses foliões que levam para lá, além de toda alegria, inúmeros espectadores vindos até do exterior.
ANEXOS

Fotos dos 'blocos de sujos'

Carnaval de 1985
RELATÓRIO

O projeto realizado foi o proposto no 'Plano de Ação - Projeto Experimental', na modalidade de 'Grande Reportagem', apresentado e aprovado em outubro de 1984, tendo como objetivo: "documentar a trajetória histórica do carnaval em Florianópolis, enfatizando a análise dos 'blocos de sujos' - homens fantasiados de mulher - como exemplo do carnaval enquanto inversão do cotidiano".

A partir da apresentação do plano, ainda em outubro, tem início efetivo o levantamento dos dados referentes à história do carnaval de Florianópolis. Para isto, foram pesquisadas as coleções de jornais locais existentes na Biblioteca Pública Municipal, seguindo o seguinte método:
- pesquisa feita a partir do jornal mais antigo ao mais recente;
- nos meses de janeiro, fevereiro e março, e,
- a princípio, em todos os anos, mas devido ao volume de material foram, então, selecionados 'anos chaves', com base no levantamento e descrição do tema apresentado no plano, para facilitar e agilizar o trabalho.

Em novembro tem início a parte de entrevistas com alguns diretores de Escolas de Samba. Para estas entrevistas foi elaborada uma pauta direcionada exclusivamente à história da Escola e como se organiza. Depois da segunda entrevista foi sentida a falta de uma pergunta que localizasse o entrevistado na história do carnaval. Foi, então, feita outra pauta com apenas duas perguntas de instrução: 1-Quando começou a ter contato com o carnaval? 2-Como era o carnaval naquela época? Com estas duas perguntas poderia conduzir a entrevista para o campo que mais me interessava.

É importante citar aqui que, paralelamente a esta mudança de pauta houve também uma primeira mudança nos objetivos do projeto. Ou seja, a história das Escolas de Samba e Grandes Sociedades deixavam de fazer parte do trabalho por se considerar dignas de um trabalho específico. A este, reservamos o "trazer a trajetória histórica do carnaval de Florianópolis, do entardece aos dias atuais", e a análise dos 'blocos de sujos'.

Em meados de dezembro a primeira parte do trabalho começa a ser es-
crita. Toda esta fase contou com a orientação da professora Carmen Rial, que, tendo que viajar, tranferiu-a para o professor Francisco José Karam.

Em fevereiro a parte histórica do trabalho estava praticamente pronta. Tem início a segunda etapa, ou seja, os preparativos para documentar fotograficamente os 'blocos de sujos', além de algumas entrevistas. Nessa fase do projeto, pelo interesse demonstrado em conversas informais, assume a orientação a professora Aglair Maria Bernardo, recém-contratada pela Universidade.

Passado o carnaval, com o início da redação dessa segunda etapa, observa-se mais uma mudança no objetivo inicial do projeto. Por falta de maiores estudos e mesmo de um conhecimento mais profundo do 'fenômeno', torna-se impossível realizar a análise dos 'blocos de sujos', passando-se então a tecer breves considerações a respeito, com base em observações feitas durante o carnaval e conversas com foliões.

Superada mais esta etapa, o projeto é apresentado num seminário no dia 19 de março de 1965. Numa co-orientação dos professores Aglair M. Bernardo e Francisco J. Karam, é definida a forma final de apresentação, sendo, então, entregue à Banca examinadora no dia 26 de março.

Três aspectos a considerar:
- algumas vezes se deparou com informações contraditórias, como por exemplo o ano em que a 'Unidos da Coloninha' parou de desfilar (1964 ou 66); nesses casos utilizou-se os jornais para solucionar a dúvida.
- as alterações nos objetivos deu-se a grande abrangência dos mesmos, marcada, até certo ponto, pela ingenuidade do que vem a ser realmente o projeto e até que ponto se pode avançar em quatro meses de trabalho.
- apesar de contar com três orientações, isso em nada dificultou a realização do projeto, já que cada orientador assumiu um momento específico do trabalho (histórico do carnaval/ 'blocos de sujos'/ forma final).

Um outro fator também a considerar, foi o uso de uma metodologia muito própria de trabalho por parte do autor, o que facilitou essa mudança de orientação sem maiores consequências ao trabalho final.